

O FENÔMENO DO COMPORTAMENTO AUTOLESIVO E OS ACONTECIMENTOS DA ADOLESCÊNCIA: AS INFLUÊNCIAS DO COTIDIANO

CARVALHO, Mírian Alves¹

FILLMANN, Aléxia²

CLOTH, Vitória³

miriancarvalho@fag.edu.br

RESUMO: A presente pesquisa visou identificar as possíveis causas que movem os adolescentes à prática do fenômeno do comportamento autolesivo. A adolescência é vista como uma série de acontecimentos e se perfaz de diversos fenômenos, no entanto esse ciclo da vida apresenta grandes influências cotidianas, as quais possibilitam transformações físicas, emocionais e sociais. Para que esta pesquisa pudesse ser realizada, foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturado, posteriormente foram agendados horários de entrevista com cada participante, que, ao todo, foram 4 adolescentes de ambos os sexos e/ou orientação sexual. Os resultados obtidos passaram por um processo de análise de conteúdo, possibilitando a investigação e o entendimento dos relatos apresentados por cada participante. Por conseguinte, foi possível verificar e confirmar que há fatores influenciadores que motivam a prática e o maior índice do comportamento autolesivo na adolescência.

Palavras-chave: Adolescência. Fenômeno. Influência. Cotidiano. Comportamento Autolesivo.

¹ Psicóloga, Mestra em Psicologia Escolar/Educacional. miriancarvalho@fag.edu.br

² Acadêmica do curso de Psicologia do Centro FAG. fillmannalexia@gmail.com

³ Acadêmica do curso de Psicologia do Centro FAG. clothvitoria@gmail.com

THE PHENOMENON OF SELF-EFFECTIVE BEHAVIOR AND THE EVENTS OF ADOLESCENCE: THE INFLUENCES OF DAILY ROUTINE

CARVALHO, Mírian Alves⁴

FILLMANN, Aléxia⁵

CLOTH, Vítória⁶

miriancarvalho@fag.edu.br

ABSTRACT: This research aimed to identify the possible causes that move adolescents to the practice of the phenomenon of self-injurious behavior. Adolescence is seen as a series of events and is made up of several phenomena, however this cycle of life has great daily influences, which enable physical, emotional and social transformations. In order for this research to be carried out, a semi-structured interview script was elaborated, later, interviews were scheduled with each participant, which, in all, were 4 adolescents of both sexes and/or sexual orientation. The results obtained went through a content analysis process, making it possible to investigate and understand the reports presented by each participant. Therefore, it was possible to verify and confirm that there are influencing factors that motivate the practice and the highest index of self-injurious behavior in adolescence.

Keywords: Adolescence. Phenomenon. Influence. Daily. Self-injurious behavior.

⁴ Psicóloga, Mestra em Psicologia Escolar/Educacional. miriancarvalho@fag.edu.br

⁵ Acadêmica do curso de Psicologia do Centro FAG. fillmannalexia@gmail.com

⁶ Acadêmica do curso de Psicologia do Centro FAG. clothvitoria@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta o resultado de uma pesquisa que envolve quatro adolescentes, estudantes de uma escola da rede pública estadual de ensino localizada no interior do Oeste do Paraná.

O problema de pesquisa se perfaz do objetivo principal da mesma, que visa as possíveis causas que movem a ocorrência do comportamento autolesivo na adolescência. Esta pesquisa se justifica então por demonstrar em dados qualitativos que existem fatores que influenciam na ocorrência do fenômeno do comportamento autolesivo na adolescência.

De acordo com Cardoso (2016), os comportamentos autolesivos, por serem fenômenos amplos, não dependem apenas de um único motivo, mas sim de uma junção da complexidade de vários fatores, sendo eles genéticos, psicossociais e culturais. Cardoso (2016) ainda disserta que esses comportamentos não podem ser analisados de maneira isolada, já que, para o indivíduo, são vistos como estratégias de comunicação dos seus sentidos.

A presente pesquisa é relevante a ser realizada durante a graduação, pois a mesma analisa o viés psicológico sobre o ato, possibilitando o contato e a identificação das causas para um melhor entendimento e enfrentamento do fenômeno.

Apresentam-se como objetivos específicos da pesquisa, a realização de uma entrevista semiestruturada e a compreensão das causas do fenômeno do comportamento autolesivo por meio da utilização de um modelo de amostragem por conveniência.

Esta pesquisa contará com fundamentação teórica e abrangerá brevemente as convicções e conceitos sobre o assunto proposto, posteriormente serão apresentados os instrumentos utilizados e por conseguinte os resultados serão expostos por meio de quadros separados de acordo com cada questão selecionada, as quais serão apresentadas em ordem alfabética, sendo utilizadas as iniciais dos nomes dos adolescentes participantes (D, G, I e M). Depois será apresentada a seção Análise e Discussões de Resultados, que trará a resposta do problema da pesquisa e, finalmente, serão apresentadas as Considerações Finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A ADOLESCÊNCIA

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (2010), consideram-se adolescentes indivíduos que possuem idade entre 12 e 18 anos completos, do mesmo modo, ainda consideram-se adolescentes, quando expressos por lei incomumente, jovens até 21 anos de idade.

O autor Becker (2017) disserta que, gradativamente, a criança inicia uma construção do que, futuramente, virá a ser sua adolescência, e essa construção implica no fim do seu chamado “conforto”, o que por sinal poderá vir a ser um novo mundo de descobertas para o indivíduo, pois a chegada da adolescência não é exatamente a responsabilidade ou o crescimento, mas sim a preparação para isso.

Tanto Mascagna (2009), Elkonin e Leontiev (1987), quanto Papalia e Feldman (2013), chegam à mesma conclusão: de que a adolescência não é natural, mas sim construída social e historicamente por meio dos delineamentos culturais, ou seja, com a prática humana e o método educativo.

Tanto Para Eisenstein (2005) quanto para Azevedo et al. (2005), a adolescência é vista como uma transição que acontece entre a infância e a vida adulta, sendo fortemente influenciada pelas intensas transformações sociais, emocionais e físicas.

Azevedo et al. (2005) ressaltam que neste período ocorre a busca por independência em relação à família, a elaboração psíquica para um *self* integrado que estabeleça sua identidade e ative a relação com os seus pares. Essas vivências, que acontecem de maneira conjunta, resultam na construção de um sujeito com desejos e sentimentos distintos que variam de um a outro ser. Se por um lado os adolescentes têm emotividade acelerada, por outro apresentam menor capacidade no enfrentamento de conflitos que, simultaneamente, podem levar a comportamentos de risco (AZEVEDO et al. 2005).

A partir disso, Trinco e Santos (2015) conceituam que existem adolescentes que necessitam de reajustes internos e externos em meio às diversas transformações e exigências dessa fase, pois a instabilidade e o desequilíbrio geram dificuldades na gestão do desenvolvimento saudável nos campos afetivo, pessoal, familiar, escolar e social, tornando-os, desta forma, vulneráveis a comportamentos autolesivos.

Percebe-se que de acordo com os autores citados que a adolescência é vista ao todo como um processo, o conhecer e o desenvolver, onde passam por diversas experiências cotidianas, essas que requerem de uma preparação para o amadurecimento, no entanto algumas vivências propiciam desgaste emocional e sentimentos angustiantes, onde acarretam em comportamentos autolesivos, esses que acabam não sendo reconhecidos universalmente como um modo de expressão do corpo, e sim no senso comum como apenas um sentimentalismo.

2.2 COMPORTAMENTO AUTOLESIVO

Percebe-se que os leigos assimilam os comportamentos autolesivos como “frescura”, ou, em outros termos, chamam os indivíduos envolvidos de doentes mentais e transtornados. Conforme leitura da Classificação Internacional de Doenças (CID-10, versão 2008), a palavra transtorno só é utilizada para indicar a existência de um conjunto de sintomas e comportamentos clinicamente relacionados, na maioria dos casos, a sofrimentos e causas pessoais. A automutilação aparece citada na CID-10 em “F98.4, Estereotipias motoras”, com a seguinte definição:

Transtorno caracterizado por movimentos intencionais, repetitivos, estereotipados, desprovidos de finalidade (e frequentemente ritmados), não ligado a um transtorno psiquiátrico ou neurológico identificado. Os comportamentos estereotipados automutiladores compreendem: bater a cabeça, esbofetear a face, colocar o dedo nos olhos, morder as mãos, os lábios ou outras partes do corpo. Os movimentos estereotipados ocorrem muito habitualmente em crianças com retardo mental (neste caso, os dois diagnósticos devem ser registrados)[...] (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2008, p. 303).

De acordo com Cedaro e Nascimento (2013), o comportamento autolesivo ocorre em diversas faixas etárias, predominantemente no sexo feminino, sendo possível realizar uma breve comparação entre indivíduos de diferentes faixas etárias para evidenciar que os adolescentes apresentam maior prevalência no fenômeno ao longo de suas vidas, sendo vários os fatores de riscos, tais como: transtornos psiquiátricos, de conduta, de personalidade, problemas em grupos sociais, e problemas, inclusive, em seu primeiro grupo de acesso: a

família. Cedaro e Nascimento (2013) afirmam ainda que, de maneira geral, o fenômeno pode suceder por 10 e 15 anos ou mais.

Segundo Azevedo et al. (2005), o comportamento autolesivo se apresenta como um fenômeno recorrente nos últimos tempos, sendo, em sua maioria, em adolescentes. Tal comportamento pode ser considerado de risco, pois pode causar prejuízos físicos, psicológicos e sociais para o indivíduo. Os contextos nos quais estes indivíduos estão inseridos podem aumentar as chances desse comportamento, ou ainda auxiliar no reconhecimento do mesmo, podendo ser a escola uma grande aliada na proteção e prevenção para os adolescentes envolvidos.

Ainda no DSM-5 (2014), atos de automutilação aparecem como uma forma de um transtorno específico, o Transtorno de Escoriação Skin-Picking 698.4 (L98.1), o qual possui critérios diagnósticos, como por exemplo beliscar a pele de forma recorrente, o que resulta em lesões. O ato causa sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social. A automutilação é citada, ainda, em Amnésia Dissociativa- 300.12 (F44.0):

Alguns indivíduos com amnésia dissociativa relatam *flashbacks* dissociativos (i.e., revivência comportamental de eventos traumáticos). Muitos têm história de automutilação, tentativas de suicídio e outros comportamentos de alto risco' [...] (AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION, 2014, p. 299).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (2016), a faixa etária com maior predominância do comportamento autolesivo é entre 10 e 14 anos de idade, o que corresponde ao período inicial da adolescência, podendo ainda se categorizar a gravidade do ato de se mutilar em três níveis: leve, moderado ou grave. A autolesão vem a ser compreendida também como um modo de expressão do corpo, na procura entre o eu e o outro, entre o externo e o interno, dessa forma, a autolesão é um modo de individualização em que as experiências subjetivas podem ser comunicadas e, nesse sentido, ser - de alguma forma - reconhecidas pelo outro.

O pensar em tirar a própria vida não quer dizer, diretamente, que há a hipótese de se cometer o suicídio, mas gera incômodo e incentiva a conduta e, de modo geral, proporciona um enorme desconforto psíquico (GUERREIRO; SAMPAIO, 2013).

Assim, observa-se que os comportamentos autolesivos se relacionam a diversos aspectos que incluem diretamente a família, posteriormente, pode haver ligação também com a escola, segundo grupo de acesso do indivíduo, onde se perfaz a necessidade da prática do profissional da psicologia no ambiente de ensino.

2.3 PSICOLOGIA ESCOLAR/EDUCACIONAL

Segundo Santrock (2010), a Psicologia Educacional se apresenta de diversas formas para ser trabalhada no contexto escolar, mas o ponto que se destaca é de o profissional ser um auxiliador em meios aos conflitos, ou seja, o psicólogo, dentro de determinada instituição, não tem a finalidade de resolver os problemas, mas sim de auxiliar os indivíduos no processo de reflexão sobre condutas. Da mesma maneira, deve ocorrer o trabalho realizado junto à equipe pedagógica, ou seja, o psicólogo deve proporcionar momentos para que os professores possam avaliar suas práticas e pensar sobre os métodos e instrumentos de aprendizagem que utilizam durante suas aulas.

De acordo com Rezende (2017), para a atuação no campo da Psicologia Escolar se faz necessário um aperfeiçoamento relacionado a temas que se ocupem de processos de ensino-aprendizagem, o que dá ênfase, teoricamente, a conhecimentos como a Psicologia Social, Processos Parentais, Psicopatologia, Psicologia do Desenvolvimento, entre outros.

Medeiros e Aquino (2011) dissertam que o serviço interdisciplinar dentro das escolas é de grande importância para a prática profissional dos psicólogos, pois envolve o desenvolvimento de exercícios com professores, alunos e familiares. No entanto, deve-se salientar a movimentação existente entre teoria e prática, que pode ser analisada pela separação entre o que é realmente a prática profissional e o que os psicólogos relatam como tal. E para o triunfo deste trabalho, foi aprovada, na Câmara dos deputados, a Lei 13.935 de 11 de dezembro de 2019, que dispõe sobre serviços de Psicologia e de Serviço Social nas Redes Públicas de Educação Básica (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019).

Como visto anteriormente, o psicólogo, na instituição de ensino, pode realizar diversas atividades, sendo uma delas a escuta e orientação, instrumento de uso privado do profissional da Psicologia e eficaz na resolução de conflitos internos, intitulado como “Plantão Psicológico” por Souza (2019), e que consiste em uma atividade de atenção voltada para situações consideradas emergenciais, que objetiva atender a quem necessita de ajuda psicológica e, por ser um serviço amplo, pode ser utilizado em várias esferas, dentre elas, a escolar.

Bezerra (2014) complementa que por se tratar de um atendimento emergencial, o mesmo pode ser trabalhado em diferentes abordagens e áreas da Psicologia. Estes

atendimentos são necessários para que as pessoas busquem, em seus ambientes de estudo e trabalho, uma maneira de cessar o sofrimento com ajuda profissional. O uso do Plantão Psicológico no contexto escolar, de acordo com Bezerra (2014), torna-se necessário neste contexto, pois o âmbito da escola pode ter contribuição direta à queixa apresentada.

3 MÉTODOS

A seguir, serão retratados os procedimentos metodológicos e instrumentos que foram utilizados para o delineamento deste estudo, a fim de que ele pudesse ser realizado. Desse modo, serão apresentados subtópicos para uma melhor organização e apresentação da pesquisa.

Kauark et al. (2010) dissertam que as pesquisas podem ser classificadas segundo sua natureza, abordagem, finalidade e procedimentos. Como aplicada ou básica, qualitativa e/ou quantitativa, além de poder ser exploratória, descritiva e explicativa.

Do ponto de vista da natureza, a presente pesquisa se dá como básica, pois é um novo estudo que objetiva fornecer novos conhecimentos úteis à ciência (KAUARK et al., 2010).

Quanto à forma de se referir à abordagem do problema, a pesquisa é qualitativa, pois tem como objetivo interpretar o fenômeno por meio das variáveis, considerando a relação entre a dinâmica e o mundo real dos participantes (KAUARK et al., 2010).

No que se refere aos objetivos, este estudo é de caráter descritivo-exploratório: descritivo, pois visa a descrição das características do fenômeno, além de envolver o uso de técnicas padronizadas para que a coleta de dados possa ser realizada, e de caráter exploratório, uma vez que tem como finalidade levantar informações novas sobre o assunto, possibilitando um planejamento flexível e permitindo o uso de entrevistas com pessoas que tiveram experiências com o problema pesquisado (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Quanto aos procedimentos técnicos, é uma pesquisa *quasi-experimental*, a qual acrescenta novas condições às quais já foram colocadas pelo seu modelo original (FANTINATO, 2015).

As pesquisadoras realizaram a análise de conteúdo através do método qualitativo, assim puderam exibir a descrição e a discussão dos resultados, os quais dispõem sobre uma investigação que busca o entendimento do conteúdo apresentado. O objetivo da análise do

conteúdo é, portanto, a influência das mensagens para salientar as evidências que permitem entender sobre uma outra realidade que não a da mensagem apresentada (BARDIN, 1997).

A caracterização da respectiva pesquisa se dá em não-apriorística, pois a mesma necessita que o pesquisador utilize teorias que embasem a construção da análise de maneira que não haja a perda do foco dos objetivos do estudo (CAMPOS, 2004).

A finalidade desta pesquisa é investigar quais são os fatores que influenciam o comportamento autolesivo em adolescentes de uma escola da rede pública e estadual de ensino de uma cidade localizada no interior do Oeste do Paraná.

Após a aprovação do projeto de pesquisa pela banca examinadora, as pesquisadoras inscreveram o projeto na Plataforma Brasil, então, com a liberação da pesquisa, as mesmas entraram em contato com o Núcleo Regional de Educação de Cascavel-PR (NRE), para onde foram encaminhados todos os documentos necessários para que fosse permitido o início da pesquisa, permissão concedida pela responsável do Núcleo Regional de Educação, Luciana Paulista.

Por conseguinte, as pesquisadoras entraram em contato com a direção da escola referida no projeto de pesquisa, onde posteriormente apresentaram o projeto e, da mesma forma, explicaram como seriam escolhidos os sujeitos participantes da pesquisa. Após o detalhamento de como seria realizada a escolha, a equipe pedagógica passou informações dos adolescentes selecionados e os contatos dos pais e/ou responsáveis para que as pesquisadoras se comunicassem com eles e explicassem sobre o estudo, requerendo sua participação aos seus responsáveis.

Após a demonstração do interesse, os adolescentes indicados receberam os termos para leitura e, posteriormente, foram agendados horários compatíveis com as suas disponibilidades.

No dia de cada entrevista, foram feitas as leituras e as explicações sobre os termos, antecedendo a assinatura de cada um, bem como também foram explicados todos os riscos e benefícios da pesquisa. Posteriormente, os termos foram assinados eletronicamente pelo aplicativo *Authentic*, as assinaturas foram acompanhadas em tempo real, pois estimou-se que os assinantes precisassem de suporte, assim, este auxílio foi posto à disposição.

Durante a coleta de dados, notou-se sentimentos de desconforto e ansiedade em alguns participantes, essas manifestações não passaram despercebidas, assim, ao serem finalizadas as entrevistas, também houve relatos dos adolescentes expondo a compreensão e a reflexão que fizeram durante o tempo que foram ouvidos.

Para que a pesquisa fosse realizada foi necessário utilizar então o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os pais e/ou responsáveis dos adolescentes participantes, utilizou-se também o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para os adolescentes participantes, que por mais que não possua validade legal permite com que o menor de idade se sinta importante no processo da coleta de dados permitindo também o vínculo e confiança entre participante e entrevistador.

A coleta de dados foi realizada individualmente por meio da plataforma virtual do *Google Meet*, preservando assim, a imagem de cada um. Não foi cobrada a obrigatoriedade do uso de câmeras para os adolescentes participantes da pesquisa, pois a mesma poderia dificultar o processo da coleta dos dados. Desse modo, os adolescentes se sentiram à vontade em ficar com as câmeras abertas ou não, tendo a oportunidade de utilizar o recurso, no entanto a abertura das câmeras somente se fez como uso essencial para as pesquisadoras.

O documento para a entrevista foi elaborado pelas pesquisadoras, contendo sete questões abertas, visando analisar o conteúdo apresentado por cada adolescente pesquisado, no entanto Após a entrevista, os termos de consentimento e de assentimento que deviam ser lidos foram assinados pelos pais e/ou responsáveis e também pelos adolescentes participantes da pesquisa.

Reitera-se que, anteriormente às assinaturas, os termos foram lidos e explicados pelas pesquisadoras para cada pai e/ou responsável e, do mesmo modo, aos adolescentes participantes. Assim, utilizou-se para assinatura dos respectivos documentos o sistema *Autentique*.

Durante esse processo, foram acompanhados os pais e/ou responsáveis e os participantes, sendo oferecido o devido suporte durante as assinaturas. A posteriori das assinaturas, foram encaminhadas as cópias dos termos aos respectivos *e-mails* dos responsáveis e participantes.

O número de adolescentes participantes foi limitado, sendo que o argumento para que o número de participantes fosse reduzido se dá por tratar-se de um estudo qualitativo.

O levantamento de dados foi assegurado pelos critérios inclusivos do projeto de pesquisa, em que os participantes deveriam ser adolescentes e alunos de uma escola da rede pública e estadual localizada no interior do Oeste do Paraná, possuírem idades entre 14 e 19 anos, estarem regularmente matriculados na escola escolhida, podendo ser de ambos os sexos e/ou orientações sexuais.

Após atingir o número de adolescentes estimados e posteriormente à coleta de dados, deu-se por encerrado o recolhimento de conteúdo, desta maneira, passou-se à próxima etapa da pesquisa: análise e discussão dos conteúdos obtidos.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Através da sustentação pelos resultados obtidos no estudo as pesquisadoras realizaram a Análise de Conteúdo e posteriormente apresentam no decorrer da pesquisa com a descrição e discussão dos resultados alcançados.

Participaram desta pesquisa quatro adolescentes, alunos da rede pública estadual de ensino de uma escola localizada na cidade de Cascavel, no estado do Paraná. A amostra foi composta por 50% dos participantes sendo do sexo masculino e 50% do sexo feminino, com idades variando entre 14 e 17 anos (M=14,16); (F= 14,17).

Para que a descrição dos participantes pudesse ser praticada, alguns dados sociodemográficos foram postos na tabela abaixo:

Tabela 1 - Dados sociodemográficos dos participantes

Adolescente	Idade	Estado Civil	Série	Turno
D	14 anos	Solteiro	9º	Vespertino
G	17 anos	Solteira	3º	Matutino
I	14 anos	Solteira	9º	Matutino
M	16 anos	Solteiro	2º	Matutino

FONTE: Instrumento produzido pelas pesquisadoras através da entrevista semiestruturada (2020).

Na tabela acima, foram apresentados os dados que mencionam a idade dos adolescentes participantes, sexo e/ou orientação sexual, série com matrícula regular e turno, bem como as iniciais de seus respectivos nomes.

Para que fosse encontrada alguma resposta para a pesquisa, foi necessário levantar as hipóteses, quais sejam: H0: Não existe uma razão para que o comportamento autolesivo aconteça na adolescência. H1: Existe ao menos um fator que influencia para que o comportamento autolesivo aconteça com maior índice na adolescência.

Para ilustrar a entrevista, foram escolhidas três questões que atingem os objetivos descritos anteriormente, sendo elas: 1- Como foi quando você praticou ou pensou sobre o comportamento autolesivo?; 2- Qual acontecimento pode ter levado à prática do comportamento?; 4- Quais sentimentos emergiram para te fazer ter ou pensar sobre esses comportamentos? .

A seguir, serão expostas em quadros as unidades de análise que foram escolhidas e separadas de acordo com as questões apresentadas na entrevista semiestruturada, e após a apresentação de cada questão, será feita a análise e discussão dos resultados obtidos.

4.1 O PENSAR E O PRATICAR, OS DETALHES NA FALA DOS PARTICIPANTES

Quadro 1 - Como foi quando você praticou ou pensou sobre o comportamento autolesivo?

<i>D: “Ah, descontei a raiva... Eu tava muito bravo, foi a única coisa que eu vi e achei pra descontar essa raiva[...]”.</i>
<i>G: “[...] a primeira vez que eu fiz eu já tinha muita coisa em mente, eu via muitos vídeos, eu via publicações, é... eu tinha amigos que já tinham feito isso também, e aí foi algo que eu achei que podia me ajudar”.</i>
<i>I: “Não cheguei a me ‘cortar’, mas já tive vários pensamentos... É estranho sabe[...]”.</i>
<i>M: “[...] foi o ano que eu mudei pro colégio, inclusive, aí minha professora... ela tava brigando, na verdade meio que, não lembro quem começou a briga... faz tempo já, porque ela queria um trabalho feito em papel almaço, eu fiz em papel folha de caderno mesmo, porque eu só vi que tinha esse trabalho um dia antes e não tive tempo de comprar a folha almaço, aí ela não aceitou e começou a brigar comigo, fiquei com raiva e vi a lâmina ali e comecei a me cortar assim, quando fui ver tava sangrando um monte dentro da sala de aula”.</i>

FONTE: Instrumento entrevista semiestruturada (2020).

Pode-se notar, baseado nas falas dos adolescentes participantes, que existem ao menos um fator que influencia para que o comportamento autolesivo aconteça com maior índice na adolescência. Fato também apresentado na fundamentação teórica da pesquisa, em que os autores Eisenstein (2005) e Azevedo et al. (2005) citam que a adolescência é vista como uma transição, a qual sucede entre a infância e a vida adulta, e permite vários acontecimentos durante sua permanência.

Destaca-se aqui, que o adolescente “D” relatou sobre a raiva e sobre ser o comportamento autolesivo a única maneira na qual poderia “descontá-la”, demonstrando ainda, não gostar de ter esse sentimento. Percebe-se, através das considerações do autor

Lourenço (2008), que o adolescente estava com os níveis de consciência emocional baixos, o que resultou nesses comportamentos, concluindo-se que o participante evitou a regulação de suas próprias emoções, pois a automutilação está associada a baixos níveis de consciência emocional e clareza, bem como ao recurso elevado a estratégias para evitar a regulação das emoções.

De acordo com o relato da adolescente “G”, existem evidências, as quais foram dissertadas pela própria participante, de que ela via vídeos, publicações, materiais em mídias, e que aquilo servia para ela como um “gatilho”, além de os seus amigos já terem praticado ou pensado em praticar a automutilação, sendo notado, durante a entrevista, que a mesma sentiu um acolhimento e que seria o certo a se fazer, que no entanto influenciou na sua tomada de decisão.

No que se refere ao conteúdo da adolescente “I”, de acordo com Trinco e Santos (2017), o adolescente é geralmente saudável, com baixos níveis de morbidade e mortalidade, comparativamente com a infância e a idade adulta. No entanto, existem adolescentes em quem as diversas transformações e exigências, necessidades de ajustes e reajustes internos e externos, instabilidade e desequilíbrio, geram dificuldades na gestão do desenvolvimento saudável nos campos afetivo, pessoal, familiar, escolar e de socialização, tornando-os, desta forma, vulneráveis a comportamentos autolesivos.

No que diz respeito às respostas do adolescente “M”, e como é mencionado de acordo com o Departamento Científico de Adolescência (2018), a falta de proteção familiar e/ou social dos ambientes inseguros/inconsistentes que se apresentam acrescidos de negligência e repressão da expressão emocional levam ao desenvolvimento interpessoal com pouca habilidade para lidar com as próprias emoções e o autocuidado. Aproximadamente 90% dos indivíduos que apresentam tal comportamento relatam que ao longo de sua existência foram desencorajados a externalizar suas emoções, especialmente a raiva e a tristeza. Alguns aspectos da relação com os pares parecem influenciar a ocorrência do comportamento, especialmente problemas interpessoais, como rejeição, conflitos e dificuldades emocionais. A convivência com outros adolescentes que praticam autolesão, observar imagens e vídeos postados, que mostram desafios perigosos em redes sociais, também são importantes fatores na atualidade, pois a identificação com os pares pode impulsionar as práticas autolesivas.

Desta maneira, diante da análise apresentada no Quadro 2, foi perguntada, a todos os adolescentes participantes, a terceira questão.

4.2. OS ACONTECIMENTOS QUE PODEM TER INFLUENCIADO O COMPORTAMENTO AUTOLESIVO

Quadro 2 - Qual acontecimento pode ter levado à prática do comportamento?

<i>D: “[...]Ah! ... a minha irmã, ela me incomoda demais, me bate.... eu não posso bater nela, aí eu fico nervoso...”</i>
<i>G: “[...]Foi... é que, por eu ter entrado nesse estado, o que me deixou muito mal nessa época, foi a separação dos meus pais... então assim, eles separaram e brigavam muito, e toda vez que isso acontecia eu ficava mal de alguma forma, eu pensava em várias coisas, meu... meu corpo ficava mal, e aí foi, eram situações pequenas, eu discutia muito com a minha mãe e aí era nessas discussões assim que eu ia pegando eu ia indo, ia segurando, aí eu me trancava no quarto, chorava horrores, e aí vinha o pensamento de me machucar, mas eram coisinhas pequenas, uma discussão ali, ver uma briga ali, é... coisinhas que não foi tudo de uma vez só, foram coisas que aconteceram durante uma semana por exemplo, no meu dia a dia, o sentimento ia acumulando e aí quando eu via já tinha feito, aí eu pensava, aí seguia em frente, mas depois acontecia de novo”.</i>
<i>I: “É... que no caso minha mãe tinha depressão, eu vendo ela se torturando daquele jeito, deitada todos os dias, acabava que machucando sabe... então acabei ficando mal junto com ela, e como eu não podia conversar com ninguém sobre isso, eu queria pensar em começar a me cortar ou até mesmo suicídio, mas não, não consegui sabe, eu sabia que isso só ia piorar a situação, mas ver minha mãe naquele estado acabou me influenciando[...]”.</i>
<i>M: “[...]Porque a professora não aceitou meu trabalho, mas tinha aceitado de outra pessoa que tinha feito de papel de caderno, aí com isso fiquei com bastante raiva, ela também estava brigando comigo”.</i>

FONTE: Instrumento entrevista semiestruturada (2020).

Dentre as cruciais influências apresentadas pelos participantes e dissertadas pelos mesmos, estão os relacionamentos com os pais e/ou responsáveis e o relacionamento no ambiente escolar com os docentes.

O adolescente “D” mencionou que o comportamento surgiu após os níveis altos de *stress* e nervosismo, demonstrando, ainda, uma grande raiva guardada por sua família, sendo esse sentimento externalizado por meio da autolesão. De acordo com Lourenço (2008), os indivíduos acabam recorrendo à automutilação pois sofrem de *stress* emocional. Ferreira (2017) complementa que existem casos de condutas externalizantes que estão relacionadas a acontecimentos de nervosismo, irritabilidade, agressividade entre outros comportamentos autodestrutivos. São eventos de vida que geram *stress*, aumentando, desse modo, o risco.

Ao analisar a fala do adolescente “G”, é perceptível que existiram vários fatores contribuintes para que o comportamento acontecesse, como as influências do ambiente no

qual o sujeito é inserido, no entanto como pesquisado, de acordo com o CID-10 (2008) e com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5, versão 2014), encontra-se em “307.3-F98.4” um “Transtorno do Movimento Estereotipado”, ou seja, comportamento motor repetitivo, aparentemente sem propósito direcionado, associado a condições genéticas ou a fatores ambientais.

Ainda em relação à adolescente “G”, a própria relata acontecimentos e turbulências familiares e, de acordo com Harrington (2001), esse fenômeno geralmente é desencadeado por problemas ou condições de vida estressantes que podem ser contínuas, tais como conflitos familiares e discussões com os pais, rejeição por namorado ou namorada e problemas escolares como o *bullying*.

No relato da adolescente “I” verifica-se, de acordo com Mesquita et. al (2011), que o comportamento autolesivo ocorre em diversas idades, entre a infância e a idade adulta e, ainda que muito individual, não acontece sozinho, ocorrendo em um contexto social que inclui a família, a escola e os pares. Sendo a família a rede de apoio e primeira fonte de socialização, ela tem um lugar de importância no desenvolvimento e formação do adolescente, influenciando estados de humor e padrões de comportamento.

No que se refere ao relato do adolescente “M”, pode-se observar, segundo o autor Suyemoto (1998), que os comportamentos autolesivos são feitos como uma forma de expressar e externalizar emoções intensas e avassaladoras, como uma forma de apreensão do controle das suas emoções. Essa tese ainda se complementa com a ideia do autor Guerreiro (2014), que indica que a autolesão vem a ser compreendida também como um modo de expressão do corpo, na procura entre o eu e o outro, entre o externo e o interno. Dessa forma, a autolesão é um modo de individualização em que as experiências subjetivas podem ser comunicadas e, nesse sentido, ser de alguma forma reconhecidas pelo outro.

Posteriormente, observam-se, no Quadro 3, as respostas dadas pelos adolescentes participantes da pesquisa, sendo dado o enfoque ao conteúdo da questão 4, que diz:

4.3 OS SENTIMENTOS MANIFESTADOS PELOS ADOLESCENTES PARTICIPANTES

Quadro 3 - Quais sentimentos emergiram para te fazer ter ou pensar sobre esses comportamentos?

D: “[...]Eu não sei, só deu raiva eu acho...”.

G: “Eu pensava muito no suicídio, eu pensava bastante no suicídio, porém eu não tinha coragem de fazer isso, eu não queria fazer isso, eu pensava, mas era algo que eu não queria porque eu tinha meus planos,

ainda tenho os meus planos, minha mãe tava comigo, minha irmã tava comigo, então eu fazia isso, eu era muito impulsiva, eu não tinha outra coisa pra fazer pra colocar pra fora o que eu tava sentindo, e aí, toda vez que eu fazia, era na esperança de alguma coisa dar errado, algo... sem querer aconteceu, entende?[...]”.

I: “Eu tava me sentindo muito mal por dentro, sabe, bem triste, mas como eu não podia desabafar com ninguém, foi ficando cada vez mais... raiva, ódio, tristeza, essas coisas[...]”.

M: “[...]Ai, a maioria das vezes que me cortei, estava triste, com raiva ou nervoso. Nervosismo, raiva”.

FONTE: Instrumento entrevista semiestruturada (2020).

Ao se referirem aos sentimentos que sentiam, foram apresentados pelos participantes a raiva, a impulsividade, a tristeza e o nervosismo.

O Adolescente “D” relatou que esse sentimento gerou grande influência para que o comportamento acontecesse. Suyemoto (1998) confirma que há uma normalização de sentimentos, o que explica esses comportamentos, e que, deste modo, vem a ser uma forma de o adolescente se expressar e explanar sobre suas emoções, ainda permitindo a simbolização do caos psíquico do mesmo. Coutinho et al. (2010) também afirma que esses comportamentos geralmente são relacionados a uma personalidade com fortes traços de impulsividade e violência, o que pode ser notado de acordo com as falas do sujeito referido.

Ao se tratar do conteúdo da adolescente “G”, a mesma relata sobre o pensar no suicídio, e afirma que pensa, mas que não tem coragem de tirar a própria vida. Guerreiro e Sampaio (2013) confirmam que “o pensar em suicídio” não diz respeito, diretamente, ao desejo de tirar a própria vida, de cometer mesmo o suicídio, mas de maneira geral provoca desconforto psíquico. A adolescente também afirmou ser impulsiva, o que foi visível durante a entrevista, e segundo o seu relato, os acontecimentos tiravam o seu sossego, fazia com que pensasse em possibilidades e formas para que esse sentimento ruim se camuflasse de alguma maneira, sendo esse comportamento um modo de lidar com o que acontecia em seu lar, um jeito de relacionar-se consigo mesma e sentir algo que fosse maior que a dor das brigas com seus pares. Sobre isso, o autor Coutinho et al. (2010) reitera que esses comportamentos são comumente associados a personalidades com fortes traços de impulsividade, e a partir das considerações de Azevedo et al. (2005), percebe-se que a participante “G” buscou independência familiar, tentando estabelecer sua identidade e ativa relação com os seus pares, possibilitando a si mesma, a compreensão.

Por meio das respostas apresentadas pela adolescente “I”, como descreve Xavier (2016), todas as mudanças e tarefas desenvolvimentais específicas à adolescência, juntamente com a confrontação constante de inúmeras situações emocionalmente desafiantes por parte do

adolescente, vão contribuir para que a sua aprendizagem da regulação emocional possa ser adaptativa ou mal-adaptativa. A constante maturidade cerebral torna a fase da adolescência um período de vulnerabilidade para os problemas na padronização do afeto e dos comportamentos, o que por si só pode contribuir para explicar e compreender o enorme aumento dos comportamentos de risco e dos problemas emocionais e comportamentais presentes nessa faixa etária.

Ao serem analisadas as respostas do adolescente “M”, é possível perceber predisposições psicológicas resultantes do temperamento e das experiências precoces, que vão também influenciar a forma como o adolescente vai lidar com os desafios emocionais e sociais durante essa fase do desenvolvimento. Dado o papel que o grupo de pares exerce na adolescência como fonte de suporte, validação e de exploração do mundo, as experiências estressantes diárias, de *bullying* e vitimização nesse grupo vão também ativar o autocriticismo e, por sua vez, aumentar a vulnerabilidade para os sintomas depressivos e para os comportamentos autolesivos (XAVIER, 2016).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a conclusão da coleta de dados, alcançou-se o total de participantes estimados, todos de acordo com os critérios metodológicos e de inclusão desta pesquisa.

Foi possível identificar e confirmar o objetivo geral deste estudo durante a sua realização. Conforme a elaboração desta pesquisa, foram encontradas as possíveis causas que moveram os adolescentes participantes à prática do comportamento autolesivo, portanto a hipótese pesquisada foi confirmada, Eisenstein (2005) e Azevedo et al. (2005) ainda citam a adolescência como um acontecimento de várias transições entre a infância e a vida adulta, e que geralmente apresenta grandes influências das transformações cotidianas, sociais, físicas e emocionais.

Quanto ao alcance dos objetivos específicos da pesquisa, todos foram conquistados, e demonstrou-se relevância em cada um. A partir da entrevista semiestruturada foi possível conhecer um pouco de cada adolescente, além de se obter o conteúdo necessário para a elaboração deste estudo e para a compreensão das causas do fenômeno. A coleta de dados buscou selecionar adolescentes que estavam de acordo com os critérios inclusivos e

metodológicos descritos no projeto de pesquisa, e a partir da investigação feita através da análise de conteúdo, identificou-se então, a obtenção de todos os objetivos.

A metodologia utilizada foi essencial para que a pesquisa pudesse prosseguir, pois entende-se que cada sujeito tem seu campo fenomenológico. Suyemoto (1998) confirma que os comportamentos autolesivos são um modo de expressão do caos interno individual, sendo também trazidos, na presente pesquisa, novos autores que complementam e fundamentam os resultados deste estudo, indicando temas relacionados ao problema a serem desenvolvidos em pesquisas futuras.

Em vias conclusivas, a partir dos resultados obtidos nessa pesquisa, que confirmam que há fatores que influenciam o comportamento autolesivo, é de extrema importância que surjam novas pesquisas acerca do mesmo seguimento, com assuntos relacionados à “Influência das Mídias”, à “Impulsividade direcionada”, à “Regulação Emocional”, dentre outros.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**, ArtMed. p. 78-299. Porto Alegre, 2014.

AZEVEDO, A. E. B. I, et al. **Autolesão na Adolescência**: como avaliar e tratar. Departamento científico de adolescência. p. 1-23, Pernambuco, 2005. Disponível em: <http://www.codajic.org/sites/www.codajic.org/files/48.%20Autoles%C3%A3o%20na%20adolesc%C3%Aancia%20como%20avaliar%20e%20tratar.pdf>. Acessado em: 24/03/2020.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Ed.70, LDA, Portugal, 1997.

BECKER, D. **O que é adolescência**. Ed.10. Brasiliense, 2017.

BEZERRA E. N. **Plantão psicológico como modalidade de atendimento em Psicologia Escolar**: limites e possibilidade. Estudos e Pesquisas em Psicologia v. 14 n. 1 p. 129-143, Rio de Janeiro, 2014.

CAMPOS, C.J.G. **Método de Análise de Conteúdo**: Ferramenta para Análise de Dados Qualitativos no Campo da Saúde. Rev. Brasileira de Enfermagem, Distrito Federal. 2004.

CARDOSO, G. T. **Comportamentos Autolesivos e Ideação Suicida nos Jovens**. Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Portugal. 2016 Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/35146/1/Tese%20de%20Mestrado.pdf><https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/35146/1/Tese%20de%20Mestrado.pdf> Acessado em: 15/10/2020.

CEDARO, J. J.; NASCIMENTO, J. P. G. **Dor e gozo**: Relatos de mulheres jovens sobre automutilações. Psicologia USP, 2.ed. São Paulo, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642013000200002&script=sci_abstract&tlng=pt. Acessado em: 22/03/2020.

CONSELHO ESTADUAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, **Estatuto da Criança e do Adolescente**. ed. Alagoas, p. 7, 2010.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA - CFP, **Aprovado na câmara o PL sobre serviços de Psicologia na educação básica**. SAF SUL (Setor de Administração Federal Sul), Quadra 2, Bloco B, Edifício Via Office, Térreo, Sala 104 - Brasília 2019. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/aprovado-na-camara-o-pl-sobre-servicos-de-psicologia-na-educacao-basica/>. Acessado em: 28/03/2020.

COUTINHO, M. P. L. et al., **Ideação suicida na adolescência**: Um enfoque Psicossociológico no contexto do ensino médio. Psico-USF (Impr.) vol.15 no.1 Itatiba Apr. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712010000100006. Acessado em: 28/03/2020.

DEPARTAMENTO CIENTÍFICO DA ADOLESCÊNCIA. **Guia Prático de Atualização:** Autolesão na adolescência: como avaliar e tratar. Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira. Recife. [2018?] Disponível em: <http://www.codajic.org/sites/www.codajic.org/files/48.%20Autoles%C3%A3o%20na%20adolesc%C3%Aancia%20como%20avaliar%20e%20tratar.pdf>. Acessado em : 24/03/2020.

EISENSTEIN, E. **Adolescência:** definições, conceitos e critérios .Vol. 2. Adolesc Saude, 2005. Disponível em: <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/publisher.gn1.com.br/adolescenciaesaude.com/pdf/v2n2a02.pdf>. Acessado em:15/03/2020.

ELKONIN, D.; LEONTIEV, A. N. *Sobre el problema de la periodización del desarrollo psíquico en la infancia. In: DAVIDOV, V.; SHUARE, M. (Org.). La psicología evolutiva y pedagógica en la URSS* (antologia). Moscou. p. 125-142. 1987.

FANTINATO, M. **Métodos de Pesquisa.** Universidade de São Paulo. 2015. Disponível em: <https://atualiza.aciaraxa.com.br/ADMArquivo/arquivos/arquivo/M%C3%A9todos-de-Pesquisa.pdf>. Acessado em: 24/09/2020.

FERREIRA, A. C. A. **Esgotamento Emocional Parental Face a Crianças Com Problemas de Comportamento.** Universidade da Beira Interior, Portugal. 2017. Disponível em: https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/7978/1/5727_12334.pdf. Acessado em: 15/10/2020.

GUERREIRO, D. F. **Comportamentos autolesivos em adolescentes:** Características epidemiológicas e análise de fatores psicopatológicos, temperamento afetivo e estratégias de coping. Universidade de Lisboa, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/11457>. Acessado em: 26/10/2020.

GUERREIRO, D. F. SAMPAIO, D. **Comportamentos autolesivos em adolescentes:** Uma revisão da literatura com foco na investigação em língua portuguesa, Portugal, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.mec.pt/pdf/rpsp/v31n2/v31n2a09.pdf>. Acessado em: 02/03/2020.

HARRINGTON, R. **Depression, suicide and deliberate self-harm in adolescence.** British Medical Bulletin, vol.57, ed.1, p. 47-60, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/bmb/57.1.47>. Acessado em: 11/03/2020

KAUARK, F. S.; et al., **Metodologia da pesquisa:** Um guia prático, ed. Via Litterarum, Bahia: 2010.

LOURENÇO, V.S.G. **Para Uma Compreensão dos Comportamentos de Automutilação.** Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa. 2008

MASCAGNA, G. C. **Adolescência:** Compreensão Histórica a partir da Escala de Vigotski. UEM, Paraná: 2009.

MEDEIROS, L. G.; AQUINO, F. S. B. **Atuação do psicólogo escolar na rede pública de ensino:** Concepções e práticas. Psicol. Argum., Curitiba, v. 29, n. 65, p. 227-236, abr./jun.

2011. Disponível em:

<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20377>. Acessado em: 28/03/2020.

MESQUITA et. al. **Relações familiares, humor deprimido e comportamentos autodestrutivos em adolescentes**. Portugal. 2011. Disponível em:

http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/11067/115/1/rpca_n3_artigo_6.pdf. Acessado em: 15/10/2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**, vol. 2. São Paulo. 2008. CID-10: Recuperado de <http://bit.ly/2fZ7tji>.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Practice manual for establishing and maintaining surveillance systems for suicide attempts and self-harm*. Geneva: o autor. 2016.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. ArtMed, Porto Alegre, 2013.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Universidade Feevale. Rio Grande do Sul, 2013.

REZENDE, G. **Automutilação: entendendo o comportamento autolesivo**. Mundo da Psicologia. 2017. Disponível em:

<http://mundodapsi.com/entendendo-o-comportamento-autolesivo/> Acessado em: 24/04/2020.

SANTROCK, W. J. **Psicologia Educacional**. 3. Ed. Porto Alegre: AMGH, 2010.

SOUZA, L. F. C. et al. **O Plantão Psicológico Praticado na Escola Sob a Perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa: Uma Revisão Narrativa**. Cadernos de Graduação. Vol.5, p.65-78. Alagoas, 2019.

SUYEMOTO, K. L. *The functions of self-mutilation*. Clinical Psychology Review, vol.18, p. 531-554, Ago, 1998. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0272735897001050>
Acessado em: 04/03/2020.

TRINCO, M. E. M.; SANTOS, A. **Artigo de Investigação: Vivências e necessidades dos pais no internamento do filho adolescente com comportamento autolesivo**, vol.4, 2015. Disponível em:

http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-02832017000200012.
Acessado em 04/03/2020.

TRINCO, M. E. M.; SANTOS, J.S.; BARBOSA, A. **Artigo de Investigação: Vivências e necessidades dos pais no internamento do filho adolescente com comportamento autolesivo**. Rev. Enf. Ref. vol.serIV no.13 Coimbra jun. 2017. Disponível em:

http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-02832017000200012.
Acessado em: 25/10/2020.

XAVIER, A. M. J. **Experiências Emocionais Precoces e (Des)Regulação Emocional:** Implicações Para os Comportamentos Autolesivos na Adolescência. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Portugal. 2016 Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/32327/1/Experi%C3%Aancias%20Emocionais%20Precoces.pdf>. Acessado em: 26/10/2020.